

VI SEMINÁRIO

Programa de Pós-graduação em Planejamento
Urbano e Regional da Univap

UM PARQUE PÚBLICO EM UM BAIRRO FECHADO: UM ESTUDO DE CASO DO PARQUE RIBEIRÃO VERMELHO UTILIZANDO ETNOGRAFIA DIGITAL

Maria Helena Alves da Silva (Doutoranda do PPGPLUR/UNIVAP)

e-mail: maria.42246@yahoo.com.br

orientadores: Profa. Dra. Maria Aparecida Chaves Ribeiro Papali e Pedro Ribeiro Moreira Neto

Em 11 de Fevereiro de 2017, foi inaugurado o Parque Ribeirão Vermelho no bairro Urbanova, região oeste de São José dos Campos (Fig.1). Com uma área de aproximadamente 250 mil metros quadrados, o local oferece pista para caminhada, ciclovias, quadras poliesportivas e de tênis, playground, pista de skate e duas academias ao ar livre. O Parque funciona de segunda à sexta das 7h às 22h, e nos sábados, domingos e feriados das 7h às 18h. Desde março de 2021, quando da pandemia do coronavírus, o Parque passou a funcionar em horários reduzidos.

Figura 1. Localização da cidade de São José dos Campos no Brasil; localização do Bairro Urbanova em destaque na cidade de São José dos Campos; destaque para a localização do Parque Ribeirão Vermelho no bairro Urbanova; Croqui do Parque Ribeirão Vermelho. Elaborado pela autora, com base no Mapa Interativo de São José dos Campos da Prefeitura Municipal de São José dos Campos.



Como observa Magnoli, parques são espaços livres de edificações ou urbanização, diversificados em sua configuração, acessibilidade, desenho e manutenção, e são pressupostamente mais acessíveis para todos os tipos de cidadãos, sendo abertos, expostos e acessíveis, ou seja, democráticos em seu acesso (2006, p.2). E é justamente essa questão de *acesso* que foi muito debatida pelos moradores do Bairro Urbanova meses antes da inauguração do Parque, em Fevereiro de 2016, em um grupo na rede social Facebook.

Criado em 2014, o grupo conta com atualmente dois mil membros, em sua maioria moradores e trabalhadores do bairro. A partir da observação etnográfica do grupo em seu contexto-online, foi possível tecer diversas análises sobre a posição dos membros do grupo em relação ao Parque. Essas publicações foram catalogadas por screenshots (fotos da tela), e seus links são acessíveis por meio da busca do Facebook no grupo, embora este seja privado. Um grupo com categoria de privado no Facebook significa que apenas seus membros podem ver suas publicações; e que só se pode entrar no grupo sendo convidado. O grupo só foi

fechado no ano de 2018; portanto, a publicação avaliada neste artigo foi publicada quando o grupo ainda era público, e a visualização de suas publicações poderia ser feito por qualquer pessoa, membro ou não.

A etnografia é um método utilizado na coleta de dados em uma determinada pesquisa, tendo como foco de estudo um grupo, povo ou comunidade, baseando-se na observação e levantamento de suposições (OLIVEIRA, 2018, p. 196). Com o advento das novas tecnologias digitais, surgiram novos meios de pesquisas sociais e, assim, a etnografia digital surge como mais um método de pesquisa no ambiente virtual, que propõe "investigar e analisar comunidades, costumes, práticas e culturas no ciberespaço" (idem, p.197).

A utilização de publicações de redes sociais ainda é discutida em relação a seus aspectos éticos. Sobre isso, diversos autores têm utilizado a Resolução nº510 de 7 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, colegiada ao Ministério Saúde que contém uma comissão responsável pela instalação de normas e diretrizes de pesquisas que envolvem seres humanos, o CONEP - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Esse tipo de pesquisa, com coletas de dados (em grupos públicos, mas sem se apresentar como pesquisador) é definida como "pesquisa encoberta": quando a pesquisa é conduzida sem que "os participantes sejam informados sobre objetivos e procedimentos do estudo, e sem que seu consentimento seja obtido previamente ou durante a realização da pesquisa". Essas pesquisas encobertas têm como uma de suas justificativas quando acredita-se que a informação sobre a realização da pesquisa e da atuação do pesquisador "alteraria o comportamento alvo do estudo" (RESOLUÇÃO, 2016). Além disso, tratando-se de publicações de anos passados, não é possível utilizar o termo de consentimento relativos a período anteriores.

O tema da etnografia digital e sua aplicação ainda é relativamente recente, e é tema de constantes estudos e discussões. Em 2019, a IFCH da UNICAMP ministrou um curso chamado "Minicurso Introdução às pesquisas em/dos/sobre contextos digitais". A terceira aula, sobre "Teoria, Método e Ética", ministrado pelas sociólogas Bárbara Castro e Carolina Parreras, descreve que um dos principais cuidados no tratamento e discussão dos dados das redes sociais é a privacidade do usuário e não colocá-lo em risco. Portanto, embora sejam utilizadas screenshots, tanto o nome do usuário quanto a sua foto foram apagados para promover o seu anonimato.

A publicação em questão foi feita por um dos administradores do grupo e, provavelmente por isso, teve uma grande repercussão: o Administrador, sabendo que o Parque seria inaugurado em breve, pediu a opinião dos membros do grupo sobre o Parque e, principalmente, se eram a favor ou contra a sua instalação. A publicação teve diversos comentários e, no final, o Administrador do grupo contou 34 manifestações a favor e 14 contra. Diversos comentários *contra* colocam como principal motivo a segurança do bairro; já os a *favor* colocavam a socialização como um fator positivo.

Dos membros que se posicionaram contra a instalação do Parque, é colocado que o bairro já teria problemas demais com assaltos, sons na madrugada, acidente e drogas, e que a instalação do Parque traria "mais assaltos mais trombadinhas":

Figura 2. Printscreens editados da publicação. Fonte: A autora.



A questão da segurança é levantada em diversos momentos durante essa publicação (especificamente, 25 vezes). É notável que mesmo aqueles que se posicionam a favor da instalação do Parque, também mencionam receios com a segurança:

Figura 3. Printscreens editados da publicação. Fonte: A autora



Como observa Bauman, as cidades hoje se associam mais ao perigo do que a segurança - alguns espaços querem manter-se distantes da insegurança e desordem, para defender alguns contra outros. Bauman cita espaços que não podem ser alcançados devido a acessos contorcidos ou demorados, que são defendidos por aspersores instalados e muros e que não podem ser utilizados de forma despercebida por conta de patrulhamentos ou postos de segurança. Esses equipamentos, para Bauman, tem um único e complexo propósito: isolar os enclaves extraterritoriais do espaço urbano contíguo. Assim, cria-se pequenas fortalezas onde a elite global supraterritorial pode habitar, tratar, cultivar e saborear sua independência e isolamento em relação à localidade (BAUMAN, 2007, p. 84).

O geógrafo Milton Santos também escreveu sobre como o medo afeta a vida cotidiana: para o autor, o medo está agora industrializado e a serviço do mercado (SANTOS, 1992, p.95). O

maior medo, para Santos, é o "medo da pobreza e o medo dos pobres", e ele acreditava ser possível supor que as cidades futuramente seriam tão fragmentadas do ponto de vista material e social que levaria à recriação de uma vida coletiva que seria "representativa das condições de vida reinantes em cada fragmento" (SANTOS, 2002).

Utilizando a metodologia de etnografia digital, foi possível ter acesso a opinião dos moradores em relação a instalação de um novo equipamento urbano público, evento até então inédito no bairro. Embora a publicação não tenha tido nenhum efeito prático - afinal de contas, o parque seria inaugurado com ou sem a anuência dos moradores - foi possível concluir que mesmo aqueles que eram a favor do parque, tinham receios quanto à a segurança e o tipo de "frequentadores" que o Parque poderia trazer – um morador chegou até a comentar que a implantação do Parque e o frequentação dele por pessoas de outros bairros causaria a "perda de identidade" do local; diversos outros comentários também discorreram que novas idas ao bairro poderia trazer uma nova onda de violência com assaltos, tráfico de drogas, som nas madrugadas e acidentes automobilísticos - mesmo a Zona Oeste sendo considerado pelo Batalhão de Polícia como a área menos violenta de toda a cidade (O VALE, 2018).

Referências Bibliográficas:

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MAGNOLI, Martinelli Magnoli. O parque no desenho urbano. **Paisagem e Ambiente: ensaios** - n. 21 - São Paulo - p. 199 - 214 - 2006.

OLIVEIRA, Irabel Lago. Etnografia digital: o uso das TIC na pesquisa social, novos métodos de observar. **Tabuleiro de Letras**, v. 12, n. 1, p. 190-203, 2018.

SANTOS, Milton. 1992: a redescoberta da Natureza. **Revista Estudos Avançados** (14), 1992.

SANTOS, Milton. **O país Distorcido**. São Paulo: Publifolha, 2002.

RESOLUÇÃO Nº 510, DE 7 DE ABRIL DE 2016. Acesso em 19/02/2021. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html#:~:text=Considerando%20a%20import%C3%A2ncia%20de%20se,Art.

Zona leste lidera 7 dos 10 crimes mais graves em São José, diz SSP. O VALE. 05/01/2018. Acesso

em

05/03/2021.

Disponível

em:

https://www.ovale.com.br/conteudo/2018/01/nossa_regiao/27791-zona-leste-lidera-7-dos-10-crimes-mais-graves-em-sao-jose-diz-ssp.html